

*Eduarda Medran Rangel, Estela Fernandes e Silva,
Janice Dias Almeida, Juliana de Souza da Silva e
Tainã Figueiredo Cardoso*

Negritudes, o que sabemos?

O termo negritude possui inúmeros conceitos, podendo ser usado para: significar a circunstância de se pertencer a grandes coletividades africanas e afrodescendentes, e para definir a soma total dos valores africanos, os quais deveriam ser cultivados com orgulho, indo muito além da simples identificação racial (SENGHOR 1964a, 1964b; D'ADESKY, 2001; LOPES, 2004; ANDRÉ, 2017).

A cultura negra contribuiu significativamente na construção da cultura brasileira em seus mais diversos segmentos, como as artes, a língua, a culinária, a religião, a economia e a indústria. Essas contribuições, associadas aos costumes indígenas, resultaram nessa singular cultura brasileira (RIBEIRO, 1995). Mesmo com toda a contribuição do povo negro para o Brasil, sua valorização e reconhecimento é baixa. Tais fatos são apontados nas estatísticas, as quais ficam claros o preconceito e a diferença racial. Em 2018, enquanto 34,6% das pessoas de cor ou raça autodeclaradas brancas estavam em ocupações informais, entre as autodeclaradas pretas ou pardas esse percentual atingiu 47,3%. O rendimento médio domiciliar *per capita* na população branca, em 2018, superou em quase duas vezes o da população preta ou parda – R\$ 1846,00 contra R\$ 934,00 (BRASIL, 2019).

Entre 2016 e 2018, na população preta ou parda, a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade passou de



9,8% para 9,1%, e a proporção de pessoas de 25 anos de idade ou mais de idade com pelo menos o Ensino Médio completo se ampliou de 37,3% para 40,3%. Apesar do crescimento positivo, esses resultados permaneceram abaixo dos observados na população branca, cuja taxa de analfabetismo era 3,9%, e a proporção de pessoas com pelo menos o Ensino Médio completo era 55,8%, considerando os mesmos grupos etários mencionados, em 2018 (BRASIL, 2019).

Ocorre sub-representação da população preta ou parda na Câmara dos Deputados, nas Assembleias Legislativas Estaduais e nas Câmaras de Vereadores. Apesar de constituir 55,8% da população, pretos ou pardos representam apenas 24,4% dos deputados federais e 28,9% dos deputados estaduais eleitos em 2018; e 42,1% dos vereadores eleitos em 2016 no País (BRASIL, 2019). As desigualdades étnico-raciais no país tornam-se ainda mais visíveis quando analisamos as taxas de homicídios. Uma pessoa preta ou parda tem 2,7 vezes mais chances de ser vítima de homicídio intencional do que uma pessoa branca (BRASIL, 2019). O Atlas da Violência (2020) mostra que as mulheres negras aparecem com 68% do número total de mulheres assassinadas em 2018. No mesmo ano, vemos que os negros representam 75,7% das mortes violentas no país.

Os dados citados comprovam que o Brasil ainda está muito distante da proclamada “democracia multirracial”. Os números revelam a existência de um racismo sistêmico, ou seja, um racismo que não se atém ao ato discriminatório individualizado, mas que, como num efeito “cascata”, se alastra por todas as áreas, impregnado nas instituições, perpetuado pela sociedade. Há muito trabalho ainda a ser feito com o investimento em políticas públicas que garantam direitos e oportunidades iguais a todos.

A educação para os direitos humanos, com a valorização da tolerância, do respeito mútuo e da compreensão, deve ser discutida e executada em casa, na escola, na comunidade e por meio de conversas. Esta é a chave para prevenir a internalização do racismo



e impulsionar as pessoas a agirem em direção ao antirracismo. A adolescência é o período crucial para a exposição e a manifestação dos efeitos do racismo para que os adolescentes possam rejeitá-lo e explorarem práticas que se opõem ao preconceito enraizado (KAMBUR; KATZMAN; GRAY *et al.* 2020). O avanço da tecnologia e o acesso à *Internet* - especialmente o surgimento das redes sociais - fez com que o anonimato assumido e a liberdade de expressão digital deixassem as pessoas mais à vontade para divulgarem livremente suas ideologias racistas e adotarem um comportamento agressivo. Na era digital de hoje, o racismo tornou-se comum e virulento na *Internet* (LI *et al.* 2020).

O papel da escola e do professor é traçar estratégias e ações que promovam o respeito ao próximo, a empatia, não permitindo qualquer manifestação racista ou preconceituosa, trabalhando em sala de aula o tema e mostrando aos estudantes a importância do respeito às diferenças étnico-raciais e que todos são agentes da mudança, que não podemos aceitar de forma natural situações cotidianas de racismo, falta de respeito ou desmoralização de pessoas negras. Para tal, é fundamental que agentes educacionais e professores se apropriem dos conhecimentos relacionados à negritude, à educação antirracista e estejam integrados sobre o assunto. A atuação da escola, bem como do docente é de suma importância no processo de desconstrução do racismo, independentemente da área e componente curricular em que atua, afinal, o tema é transversal e não pode ser omitido ou ignorado. É necessário desfazer as amarras que muitas vezes impossibilitam os professores de abordarem diversos temas relacionados às negritudes, por acreditarem que estes não se encaixam nas suas aulas ou por não saberem como aplicar.

A abordagem da negritude em todas as áreas do currículo escolar se ampara no conceito de transversalidade (PCNs, 1997), que prevê a integração de temas sociais ligados às problemáticas atuais e urgentes. Nesse sentido, o debate ou tratamento da negritude não ficaria restrito a apenas um determinado componente



curricular. A escola aqui reafirma mais uma vez o seu compromisso social com a formação do cidadão, propondo a problematização e a desconstrução de velhos conceitos e práticas que reforçam a hegemonia de uma etnia, bem como atitudes discriminatórias que precisam ser banidas da nossa sociedade.

Como é a realidade dos professores e a aplicação do tema

Como já mencionado, o tema negritudes é de grande importância no contexto escolar, porém não é possível afirmar que todos os professores sabem dessa importância e tentam de alguma forma tratar o assunto nas suas aulas.

A presente pesquisa buscou investigar, junto aos docentes da Rede Municipal de Ensino da cidade de Rio Grande - RS, como o tema negritudes vem sendo tratado em suas práticas docentes. Antes de apresentarmos os resultados da pesquisa, cumpre-nos salientar que o Documento Orientador Curricular Rio-Grandino (2019) repassa às escolas a função de criar estratégias que fomentem o trabalho de conteúdos relacionados à história e à cultura afro-brasileira de forma interdisciplinar e integrada, em todas as etapas e níveis de aprendizagem.

O método de procedimento adotado foi o de uma abordagem quali-quantitativa, utilizando da aplicação de estatística descritiva básica. Segundo Gerhardt e Silveira (2009), a metodologia possibilita um aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização e, ao mesmo tempo, leva em conta a representatividade numérica, permitindo cruzar as respostas e verificar as hipóteses.

A coleta de dados se realizou por meio de um questionário formado por questões fechadas e objetivas, referentes ao tema, e elaboradas pelos pesquisadores proponentes da investigação, além de uma questão relacionada ao termo de consentimento livre e esclarecido para a participação na pesquisa. O questionário foi confeccionado através da ferramenta Google® Formulário. Na



sequência, gerou-se um *link* que foi enviado aos professores da rede. A pesquisa obteve resposta de um total de 40 docentes. Por fim, análises percentuais foram realizadas no Planilhas Google®.

O formulário continha 2 questões sobre características profissionais e 22 questões sobre o tema negritudes. As questões propostas buscavam identificar o perfil dos docentes e conhecer a realidade destes professores quanto à I) importância do tema, II) frequência de abordagem, III) nível de receptividade dos estudantes e, IV) nível de conhecimento geral desses professores sobre o tema. Abaixo, seguem as questões inseridas no formulário:

- ◆ Há quantos anos és professor (a)? *Até 5 anos; 6 a 10 anos; 10 a 15 anos; Mais de 15 anos*
- ◆ És professor em qual dessas categorias (podes marcar mais de uma)? *Educação Infantil; Ensino Fundamental – Anos Iniciais; Ensino Fundamental – Anos Finais; Ensino Fundamental – Educação de Jovens e Adultos (EJA); Ensino Médio.*
- ◆ Algumas leis e pareceres, por exemplo: O Parecer CNE/CP nº 8/2012 e a Resolução CNE/CP nº 1/2012²¹ estabelecem e definem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Já tinhas lido sobre esses pareceres e resoluções? *Sim; Não.*
- ◆ Acreditas que esses pareceres e resoluções são citados na Base Nacional Comum Curricular – BNCC? *Sim; Não.*
- ◆ A rede na qual atuas já promoveu alguma formação sobre "educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira"? *Sim; Não.*
- ◆ O quão importante achas que é abordar o tema negritudes? *Muito importante; Importante; Pouco Importante; Não precisa ser abordado*
- ◆ Durante o ano letivo, você aborda o tema negritude durante as aulas com qual frequência? *Sempre; Somente na semana da Consciência Negra; Nunca abordei o tema; Somente no dia 20 de novembro.*



- ♦ Na escola em que você trabalha a direção/coordenação propõe durante o ano algum projeto voltado para o tema negritude ou racismo? *Sim; Não.*
- ♦ Na sua escola já teve alguma feira com mostra artística ou cultural voltada à cultura negra? *Sim; Não.*
- ♦ Você já apresentou algum filme, série ou vídeo com o tema negritude ou racismo para seus alunos? *Sim; Não.*
- ♦ Quando você trabalha o assunto negritudes ou racismo como avalia o interesse e o envolvimento dos alunos? *Muito Bom; Bom; Regular; Poderia ser melhor; Não trabalhei esse tema ainda.*
- ♦ Você avalia como essencial a representatividade negra na escola através de: professores e outros funcionários negros na escola, de figuras negras históricas nos livros didáticos, entre outros? *Sim; Não.*
- ♦ Você já buscou na biblioteca da escola livros (literatura negra, história) ou outros materiais que contemplam o tema negritudes e/ou racismo? *Sim; Não.*
- ♦ Na comunidade em que você atua, você acredita que a maioria dos alunos negros têm as mesmas condições financeiras dos alunos brancos? *Sim; Não.*
- ♦ Você acredita que exista racismo ou alguma forma de discriminação racial no ambiente escolar? *Sim; Não.*
- ♦ Você acredita que alunos negros possam apresentar um rendimento escolar mais baixo devido às suas condições financeiras? *Sim; Não.*
- ♦ O dia da Consciência Negra é: *15 de novembro; 20 de novembro; 13 de abril; 15 de outubro.*
- ♦ Este autor negro escreveu nove romances fundamentais para a literatura brasileira dentre os quais se destacam "Dom Casmurro" e "Memórias Póstumas de Brás Cubas". Além disso, fundou a Academia Brasileira de Letras, e foi seu primeiro presidente. A instituição ainda cumpre um importante papel na divulgação da língua portuguesa e



tem a sua sede no Rio de Janeiro. *Rubem Fonseca; Guimarães Rosa; Machado de Assis; Jorge Amado.*

- ♦ Foi o primeiro presidente negro do Brasil e patrono da educação profissional e tecnológica no Brasil. *Ernesto Geisel; Nilo Peçanha; Tancredo Neves; Fernando Henrique Cardoso.*
- ♦ Negros são as maiores vítimas de homicídios no Brasil. Segundo o Atlas da Violência, em 2017, 75,5% das pessoas assassinadas no país eram pretas ou pardas. *Verdadeiro, em 10 anos – de 2007 a 2017 -, o Brasil se tornou um país com mais potencial de morte para negros do que para não-negros; Falso, 75,5% é um valor muito alto de mortes considerando apenas negros/pardos.*
- ♦ A taxa de analfabetismo entre negros de 15 anos ou mais é maior do que o dobro da taxa de analfabetismo entre brancos da mesma idade, segundo o IBGE *Verdadeiro; Falso.*
- ♦ Pela primeira vez, os negros são maioria no ensino superior público. Segundo o estudo Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, do IBGE, em 2018, 50,3% dos estudantes das instituições públicas eram pretos ou pardos. *Verdadeiro; Falso.*
- ♦ No Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, os negros representam apenas 1.30% de todos os indicados ao prêmio de melhor direção, por exemplo. Em 15 anos da premiação, apenas uma pessoa negra ganhou a honraria nesta categoria – o cineasta Jeferson De com o filme Bróder (2009). *Verdadeiro; Falso.*
- ♦ No Brasil 56,1% da população é negra/preta/parda. *Verdadeiro; Falso.*

A abordagem sobre “negritudes” na sala de aula

Primeiramente, buscou-se traçar o perfil dos docentes através do questionário. Dezoito dos entrevistados estão no magistério há mais de 15 anos, enquanto uma parcela menor (6 docentes) - está há menos de 5 anos em exercício. O tempo de docência mostra a experiência desses profissionais, experiência que pode implicar diretamente no conhecimento acerca da necessidade e da importância da abordagem de temas como a negritude. A



grande maioria, totalizando 29 docentes, atua no Ensino Fundamental - Anos Finais. O professor que trabalha com os Anos Finais tem uma grande responsabilidade no que tange ao fortalecimento de ideias e valores, já que nesta fase o aluno consegue compreender a gravidade das situações e das consequências do racismo e como devemos nos posicionar diante delas.

A maior parte dos professores (82.5%) afirma já ter lido sobre as diretrizes relacionadas à abordagem da cultura afro-brasileira em sala de aula, contudo, 15% desconhece que essas leis são apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), bem como no Documento Orientador Curricular do Território Rio-Grandino (2019). Ao ler as diretrizes, o educador ratifica a necessidade de integração da temática em sala de aula. Trata-se de uma instrução normativa do Ministério da Educação, ente que orienta e elabora a base curricular, compreendendo os conhecimentos básicos para promoção de uma educação intercultural, igualitária e justa para todos os educandos.

A inclusão do tema negritudes é prevista pela Lei 10.639/03, que institui o ensino obrigatório da História Afro-Brasileira e a Cultura Africana nas redes de ensino do país. Tal lei sofreu alterações que culminaram na recente Lei 11.645/08 que torna obrigatório também o estudo da história dos povos indígenas e sua cultura. Assim como os negros, os povos indígenas estão na base da formação da sociedade brasileira, mas também foram historicamente subjugados, negligenciados e marginalizados. Apesar da existência dessa regulamentação há alguns anos, os trabalhos de pesquisa e a prática em sala de aula ainda têm sido insatisfatórias e essa omissão corrobora comportamentos racistas presentes em nossas instituições. Por ser uma pesquisa que parte do prisma da sociologia da educação, é fundamental esclarecer que a escola é compreendida como o espaço central dos arranjos sociais e culturais e por isso deve ter sua prática investigada (FONTENELE; CAVALCANTE, 2020; LIMA, 2016).

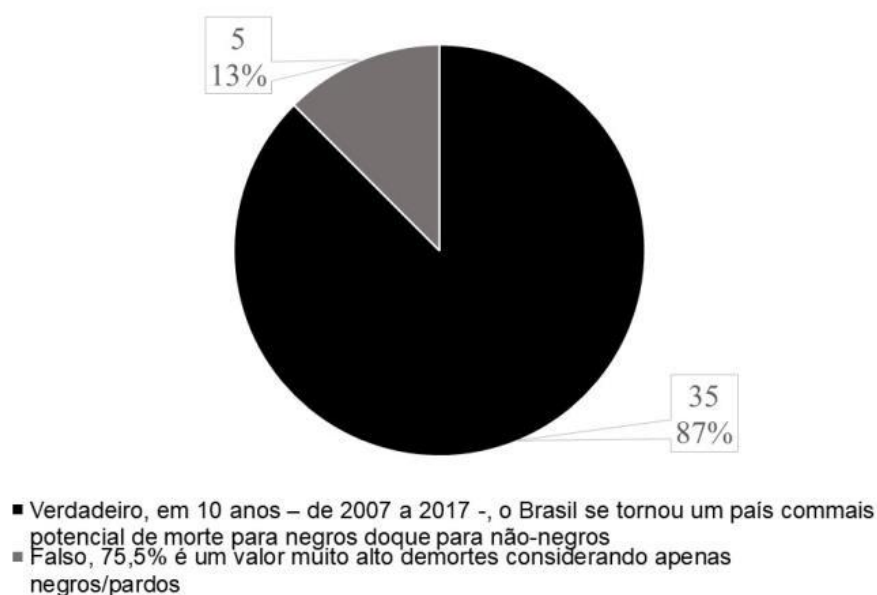


De acordo com Cavalleiro (2001), os principais fatores que geram a segregação racial são: a) o currículo escolar; b) a falta de formação docente para o trato da questão racial; c) o material didático-pedagógico; d) a minimização do problema racial; e) a distribuição desigual de estímulo e afeto; f) negação da diversidade racial. E os resultados obtidos na nossa pesquisa apontam falhas em todos estes fatores.

No questionário, observamos que os professores dominam dados históricos étnico-raciais, reconhecendo datas e personalidades negras da política e literatura, porém, constatamos a necessidade de uma atualização por parte dos docentes em relação à situação e à composição da sociedade brasileira atual (Figura 1 -4).

Figura 1 - Respostas dos professores quando perguntados sobre as taxas de homicídios.

Negros são as maiores vítimas de homicídios no Brasil. Segundo o Atlas da Violência, em 2017, 75,5% das pessoas assassinadas no país eram pretas ou pardas.

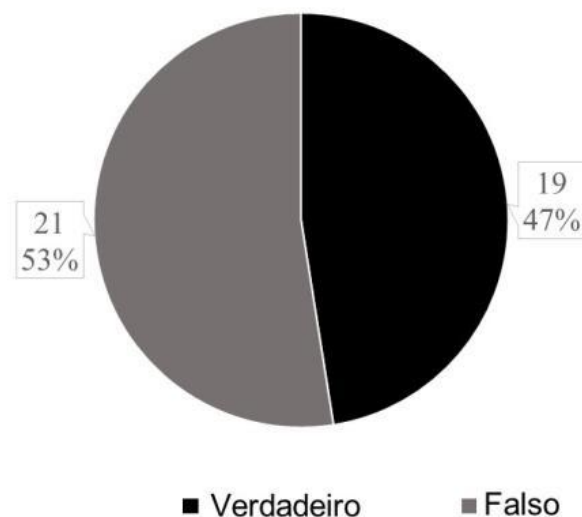


Fonte: Elaborado pelas autoras.



Figura 2 - Respostas dos professores quando perguntados sobre as taxas no Ensino Superior.

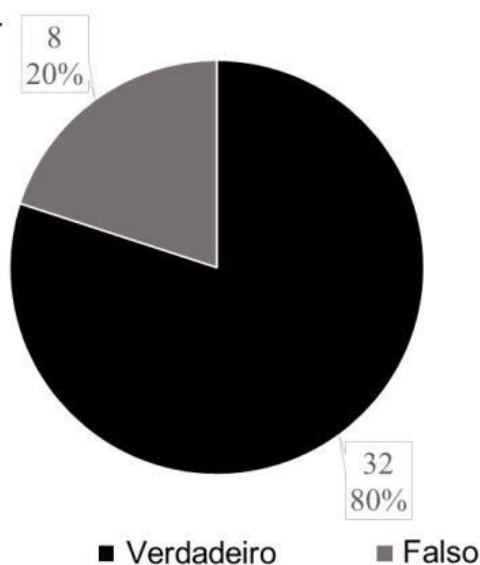
Pela primeira vez, os negros são maioria no ensino superior público. Segundo o estudo Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, do IBGE, em 2018, 50,3% dos estudantes das instituições públicas eram pretos ou pardos.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Figura 3 - Respostas dos professores quando perguntados sobre cinema.

No Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, os negros representam apenas 1.30% de todos os indicados ao prêmio de melhor direção, por exemplo. Em 15 anos da premiação, apenas uma pessoa negra ganhou a honraria nesta categoria – o cineasta Jeferson De com o filme Bróder (2009).

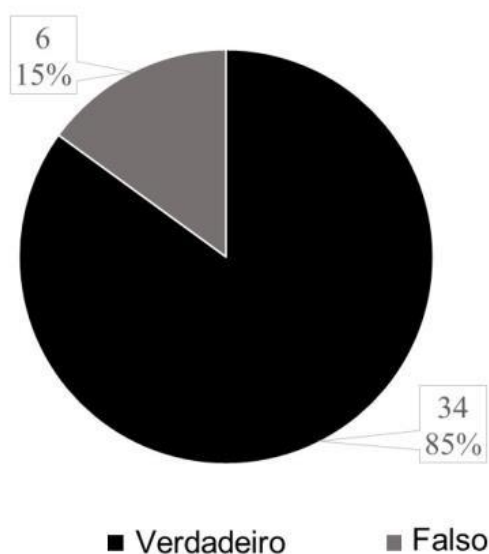


Fonte: Elaborado pelas autoras.



Figura 4 - Respostas dos professores quando perguntados sobre números na população.

No Brasil 56,1% da população é negra/preta/parda.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nas escolas onde atuam 22,5% dos professores, estes afirmam que a rede nunca promoveu curso de formação sobre "educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira". Este dado é alarmante, já que como mencionado anteriormente existem normas, diretrizes e até mesmo leis federais que obrigam a inclusão do tema nas escolas. Logo, estas instituições precisam se atualizar, prestar o apoio e a formação adequada para os gestores, docentes e demais funcionários sobre o tema, uma vez que o racismo existe em todos os setores da sociedade, inclusive no ambiente escolar.

Dos professores que responderam o questionário, 12,5% afirma que a direção/coordenação não desenvolve nenhum projeto voltado para o tema negritude ou racismo durante o ano letivo. Destes, 8 docentes revelam que a escola não promove feiras com mostras artísticas e culturais voltadas à cultura negra. Espera-se que pelo menos no dia 20 de novembro (Dia Nacional da Consciência Negra) todas as escolas do país desenvolvam atividades e ações em torno da Consciência Negra, mas infelizmente algumas



ainda não o fazem, ignorando as diretrizes nacionais, as leis e a urgência social.

Todos os professores entrevistados consideram muito importante abordar o tema negritudes e 60% afirmam inclui-lo nas suas práticas pedagógicas. Já 37.5% admite tratar do tema somente na semana da Consciência Negra e um entrevistado afirmou nunca abordar o tema. Entretanto, cabe-nos salientar que essa questão poderia ter oferecido a opção “às vezes” para que os entrevistados tivessem uma opção de frequência intermediária.

No contexto atual, os meios digitais têm auxiliado muito os professores na abordagem de diversas temáticas. Seja para pesquisa ou na escolha de materiais como vídeos, filmes, séries, as novas tecnologias surgem como ferramentas que possibilitam a promoção de ações e atividades de forma mais integrada e participativa. Buscando saber se os entrevistados usam estes meios para tratar o tema negritudes, 32.5% diz nunca ter apresentado filme, série ou vídeo com o tema negritude ou racismo para seus alunos. O uso dessas ferramentas torna-se um facilitador para abordagem e conhecimento do tema negritudes. De acordo com Bedin (2019), mediante a utilização dos meios de comunicação e de inserção digital, os alunos conseguem assumir seu papel de protagonistas e se beneficiam pela busca do conhecimento através de pesquisas, com a ressignificação dos saberes e o amadurecimento crítico e autônomo.

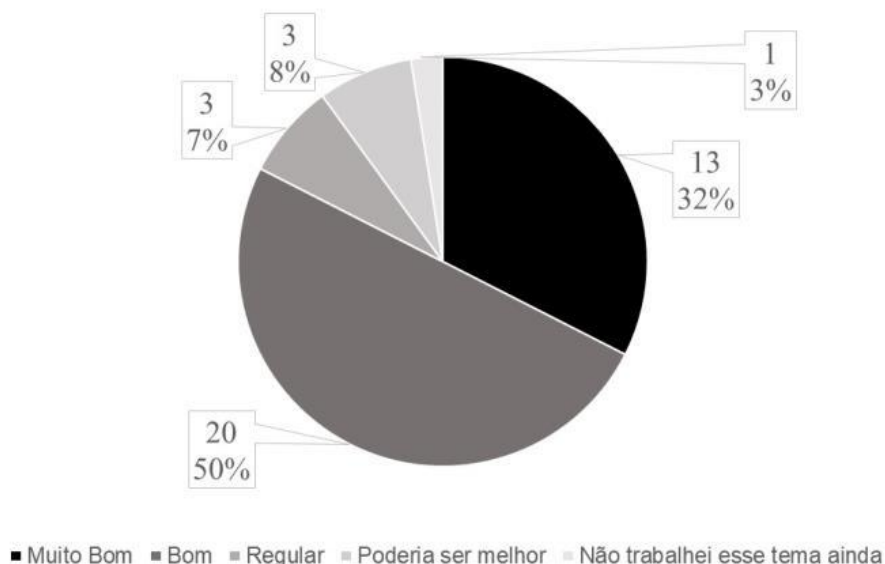
A Figura 5 apresenta o interesse geral dos alunos sobre o assunto negritudes. A grande maioria (82,5%) dos professores avalia como *muito bom/bom* o interesse dos alunos, quando abordam a temática negritudes em sala de aula. Este dado mostra que o tema é bem recebido e, mais do que isso, revela um anseio dos próprios estudantes, já que grande parte da população brasileira é constituída por negros e ao abordar o tema os alunos se sentem representados. Os alunos demonstram saber da necessidade de respeito e reconhecer a importância da valorização



da diversidade cultural de todos para um convívio harmonioso e igualitário, sem privilégios ou exclusões.

Figura 5 - Resposta dos professores quando perguntados sobre o interesse e envolvimento dos alunos com o tema negritudes.

Quando você trabalha o assunto negritudes ou racismo como avalia o interesse e o envolvimento dos alunos?



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nilma Lino Gomes (2001) entende que a luta antirracista deve fazer compreender que a escola é a instituição responsável pelo trato pedagógico da cultura e, claro, do conhecimento. Neste sentido, a preocupação da autora é com o tratamento que a escola tem dado à história e à cultura de tradição africana ou negra. Para ela:

Pensar a articulação entre educação, cidadania e raça significa ir além das discussões sobre temas transversais ou propostas curriculares emergentes. Representa o questionamento acerca da centralidade da questão racial na nossa prática pedagógica, nos projetos e nas políticas educacionais e na luta em prol de uma sociedade democrática que garanta a todos/as o direito de cidadania (GOMES, 2001, p. 83-84).



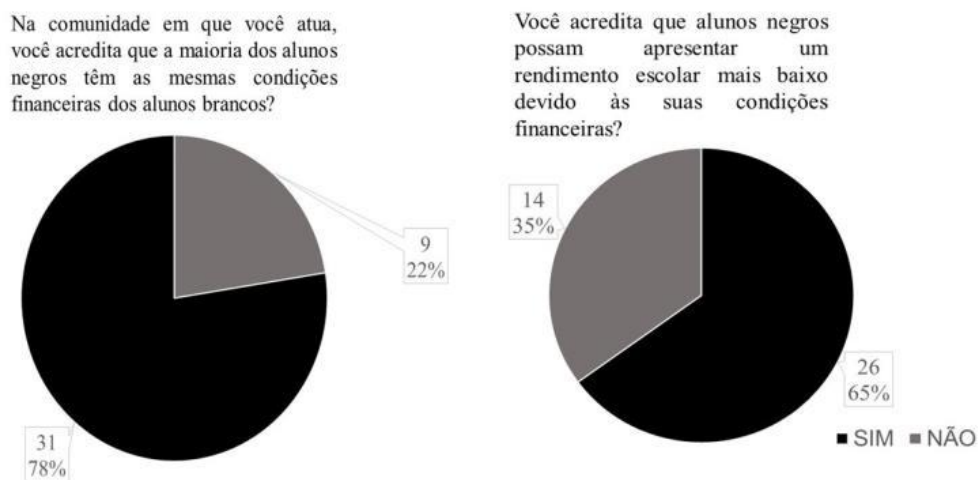
O racismo presente na escola pode levar os alunos negros à apatia, timidez, escassa participação, submissão, contenção de gestos e falas ou, até mesmo, gerar agressividade. Tal situação de exclusão acaba fomentando a recusa desses alunos em ir para a escola que, conseqüentemente, acaba se consolidando no abandono precoce do sistema escolar. A instituição educacional constitui espaço de inclusão, de promoção da pluralidade e da diversidade étnica, cultural, etc.

Na pesquisa realizada, dos 40 docentes, somente 9 acreditam que a maioria dos alunos negros têm as mesmas condições financeiras dos alunos brancos (Figura 6). Esse percentual baixo demonstra que a maioria está ciente da realidade econômica no país em termos de raça ou cor. Como abordado anteriormente, o rendimento médio domiciliar *per capita* na população branca supera em quase duas vezes o da população preta ou parda (BRASIL, 2019).

Quando perguntados sobre renda e aprendizagem dos estudantes negros, mais da metade dos docentes acredita que alunos negros possam apresentar um rendimento escolar mais baixo devido às suas condições financeiras. A resposta desses docentes é plausível e vai ao encontro da realidade, uma vez que, para Andrade e Laros (2007, p. 34), “as desigualdades sociais têm implicações diretas sobre a educação”.



Figura 6 - Resposta dos professores quando perguntados sobre renda e aprendizagem dos estudantes negros.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quase 80% dos docentes acreditam que exista racismo ou alguma forma de discriminação racial no ambiente escolar e um docente preferiu não responder essa questão. Quase a totalidade dos docentes considera essencial a presença de representatividade negra na escola através de: gestores, professores e outros funcionários negros na escola, de figuras negras históricas nos livros didáticos. Contudo, do 40 entrevistados, apenas 19 afirmam já ter buscado na biblioteca da escola livros (literatura negra, história) ou outros materiais que contemplam o tema negritudes e/ou racismo.

Para Machado (2005) e Mileo e Kogut (2009), a formação continuada é um dos aspectos importantes para reunir a teoria e prática no contexto profissional. O educador como qualquer profissional necessita estar em constante atualização.

Considerações finais

O tema negritudes é fundamental e deve ser trabalhado em todas os componentes curriculares, faixas etárias e instituições de



ensino. O professor é uma figura de exemplo e respeito para os alunos, o que corrobora para a necessidade imediata deste levar para a sala de aula as temáticas relacionadas à história e à cultura negra, bem como às desigualdades raciais presentes em nosso país, mostrando aos alunos a importância que elas têm.

A pesquisa realizada permitiu observar que estamos longe do ideal, mas no caminho certo, a grande maioria dos professores entrevistados sabe que o tema é relevante e deve ser abordado. Acreditamos que, não apenas os educadores, mas as próprias escolas e equipes diretivas precisam se organizar para desenvolver formações, apresentando o tema aos profissionais da educação e funcionários. A erradicação do racismo e a construção de uma sociedade justa e igualitária depende do trabalho integrado de todos. Somente investindo no coletivo teremos resultados significativos.

Referências

ADESKY, Jacques Edgard François D'; MUNANGA, Kabengele. **Pluralismo étnico e multiculturalismo** - racismos e anti-racismos no Brasil. 1997. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

ANDRADE, Josemberg M. de; LAROS, Jacob A. Fatores associados ao desempenho escolar: estudo multinível com dados do SAEB/2001. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 33-41, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000100005>.

ANDRE, Maria da Consolação. Psicossociologia e negritude: breve reflexão sobre o "ser negro" no Brasil. **Bol.** - Acad. Paul. Psicol., São Paulo, v. 27, n. 2, p. 87-102, 2007.

BEDIN, Everton. Filme, experiência e tecnologia no ensino de Ciências e Química: Uma sequência didática. **Revista de Educação, Ciências e Matemática.** 9, n., 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. In: **Estudos e**



pesquisas: informação demográfica e socioeconômica, n. 41, 2019. ISBN 978-85-240-4513-4 Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf Acesso em: 30 nov. 2020.

BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008.** Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

FONTENELE, Zilfran Varela; CAVALCANTE, Maria da Paz. Práticas docentes no ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, e204249, 2020. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634202046204249>.

GERHARDT, Tatiana Engel, *et al.* Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais:** discutindo algumas estratégias de atuação. São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 83-96.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência 2020.** Brasília. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 07 dezembro de 2020.

KANBUR, Nuray; KATZMAN, Debra; GRAY, Nicola; SVETAZ, Maria Veronica; GAETE, Verònica; DI MEGLIO, Giuseppina; CHRISTIE Deborah. An International Perspective on Racism: Foster Self-Determination Among Youth and Oppose Systemic Racism Globally. **The Journal of Adolescent Health.** v. 67, n. 6, p. 741-742, 2020. doi: 10.1016/j.jadohealth.2020.08.022.

LI, Shu; LI, Gang; LAW, Rob; PARADIES, Yin. Racism in tourism reviews **Tourism Management** v. 80, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2020.104100>



LIMA, Hanna Karoline Macedo de. **A importância de trabalhar o ensino da história e da cultura afrobrasileira e africana em sala de aula** / Hanna Karoline Macedo de Lima.– Cabaceiras: UFPB, 2016. 27f..

LOPES, N. **Enciclopédia Brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MACHADO, Vera de Mattos. Análise do estudo coletivo na formação continuada dos professores de ciências, de 5^a à 8^a série, do ensino fundamental: da rede municipal de ensino de Campo Grande- MS. In: **Reunião Anual da ANPED**, 28^a, Caxambú, 2005.

MILEO, Thaisa Rodbard; KOGUT, Maria Cristina. A importância da formação continuada do professor de educação física e a influência na prática pedagógica. In: **Anais do IX Congresso Nacional de Educação e do III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. Curitiba (PR): EDUCERE. 2009. p. 4943-4952.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE. SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO. **Documento orientador curricular do território rio-grandino: ensino fundamental** [Recurso Eletrônico] / Felipe Alonso dos Santos (org) [et al.] – Rio Grande: SMED, 2019.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro** – a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Editora Loyola, 1995.

SENGHOR, Léopold Sédar. Latinité et negritude. **Présence africaine**. V. 52, 1^o p. 5-13, 1964b.

SENGHOR, Léopold Sédar. **Liberté I: Negritude et humanisme**. Paris : Éditions du Seuil, 1964a.

